

MAHATMAS K.H. e M. sobre a HUMANIDADE

ML 13 – CARTA 44 – Vol. I

MAHATMA M. sobre a correspondência entre PLANETA e HUMANIDADE

Carta de M. para Sinnett, recebida em janeiro de 1882.

A natureza segue o mesmo curso, desde a “criação” de um universo até a de um mosquito. Ao estudar a cosmogonia esotérica, tenha presente uma visão espiritual do processo fisiológico do nascimento humano;

(...) o Espírito, ou VIDA, é indivisível. E quando falamos do sétimo princípio, não pensamos em uma qualidade, nem em uma forma, mas no *espaço* ocupado naquele *oceano* de espírito pelos resultados ou efeitos nele impressos (**benéficos, como são todos os de um colaborador da Natureza**).

ML 15 – CARTA 67 – Vol. I

Mahatma K.H. sobre correspondência entre PLANETA e HUMANIDADE.

De K.H. para A. O. Hume. Recebida em 10 de julho de 1882.

Pense no feto humano. Desde o momento da sua primeira instalação até completar o seu sétimo mês de gestação, ele repete em miniatura os ciclos mineral, vegetal e animal pelos quais passou em seus invólucros anteriores, e só durante os dois últimos meses desenvolve a sua futura entidade humana. Esta só fica completa durante o sétimo ano da criança. No entanto, ela existiu sem nenhum *acréscimo* ou *decréscimo* durante eternidades e mais eternidades, antes de percorrer seu caminho, *através e no* útero da mãe natureza, como faz agora no corpo de sua mãe terrena. Tem razão um sábio filósofo, que confia mais em sua intuição que nos ditados da ciência moderna, ao dizer: “Os estágios da existência intra-uterina do homem são um registro condensado de algumas das páginas que faltam na história da Terra”. Assim, você deve olhar para trás e ver as entidades animais, minerais e vegetais. Você deve encarar cada entidade em seu ponto inicial na trajetória manvantárica como o átomo cósmico primordial já diferenciado pela primeira vibração da respiração vital do manvantara.

(...) cada globo, antes de atingir seu período adulto, deve passar por um período de formação – que também é setenário. A Lei na Natureza é uniforme, e a concepção, formação, o nascimento, progresso e desenvolvimento da criança só diferem do processo do globo em magnitude. O globo tem dois períodos de denteição e de crescimento capilar – as suas primeiras rochas, que ele também descarta, abrindo espaço para as novas – e suas samambaias e musgos, antes que consiga florestas. Assim como os átomos no corpo mudam a cada sete anos, o globo também renova as suas camadas a cada sete ciclos. O corte de uma parte dos campos carboníferos de Cape Breton mostra sete solos antigos com restos do mesmo número de florestas, e se nós pudéssemos cavar mais profundamente, outras sete seções seriam encontradas na continuação...

(...) Assim pode ser percebida a correspondência entre o globo-mãe e seu filho, o homem. Ambos têm seus sete princípios. No globo-mãe, os elementais (dos quais há no total sete espécies) formam, (a) um corpo grosseiro, (b) o seu duplo fluídico (linga shariram), (c) seu princípio vital (jiva); (d) o seu quarto princípio, kama rupa, é formado pelo seu impulso criativo, trabalhando do centro para a

circunferência, (e) seu quinto princípio (alma animal ou Manas, inteligência física) está corporificado no reino vegetal (em germe) e no reino animal; (f) **seu sexto princípio (ou alma espiritual, Buddhi) é o homem**, (g) e seu sétimo princípio (Atma) está em uma película de akasha espiritualizado que o rodeia.

ML 6 – CARTA 12 – Vol. I

MAHATMA K.H. sobre a responsabilidade da humanidade hoje.

Carta para Sinnett. Recebida em torno de 10 de dezembro de 1880.

As verdades e os mistérios do ocultismo constituem, na realidade, um conjunto da mais alta importância espiritual, ao mesmo tempo profundo e prático para o mundo em geral. Entretanto, não é como mais um acréscimo à massa confusa de teorias e especulações do mundo da ciência que eles estão sendo dados a vocês, mas em função do seu efeito prático sobre o interesse da humanidade. Os termos “não-científico”, “impossível”, “alucinação”, “impostor”, têm sido usados até agora de maneira muito livre e descuidada, dando a entender que há nos fenômenos ocultos algo de misterioso e anormal, ou uma impostura premeditada. Eis por que os nossos chefes decidiram lançar sobre umas poucas mentes receptivas mais luz a respeito do assunto, provando-lhes que tais manifestações obedecem à lei tanto quanto os mais simples fenômenos do universo físico.

Os pretensiosos dizem: “a época dos milagres já passou”, mas nós respondemos, “ela nunca existiu!” Estes fenômenos não são únicos, mas têm suas contrapartidas na História Universal, e devem ter e *terão* uma enorme influência sobre o mundo dos fanáticos e dos céticos. Eles *têm* que ser tanto destrutivos como construtivos; *destrutivos* em relação aos erros malignos do passado, aos velhos credos e superstições que sufocam toda humanidade no seu abraço, que é venenoso como uma erva má; *construtivos* em relação a novas instituições de uma autêntica e prática fraternidade da humanidade, **onde todos serão colaboradores da natureza** e trabalharão para o bem da humanidade com os, e *por meio dos* mais elevados *Espíritos Planetários* – os únicos “espíritos” em que acreditamos.

Elementos fenomênicos nunca pensados e jamais sonhados começarão logo a se manifestar dia a dia com força constantemente acrescida revelando, finalmente, os segredos das suas misteriosas operações. Platão estava certo: as *ideias* governam o mundo; e à medida que as mentes dos homens recebam *novas* ideias, deixando de lado as velhas e desgastadas, o mundo avançará, poderosas revoluções surgirão das novas ideias, crenças e até poderes serão derrubados por sua força irresistível. Será tão impossível resistir à sua influência, quando chegar o momento certo, quanto impedir o progresso das marés. Mas tudo isso ocorrerá gradualmente, e antes que ocorra, temos um dever diante de nós; trata-se de varrer a escória deixada a nós pelos nossos piedosos antepassados.

Novas ideias têm de ser plantadas em lugares limpos, porque estas ideias abordam os assuntos mais importantes. O que nós estudamos não são fenômenos físicos, mas essas ideias universais, e para compreender os primeiros é preciso antes entender as últimas. Elas dizem respeito à verdadeira posição do homem no Universo, em relação aos seus nascimentos prévios e futuros; à sua origem e destino final; à relação do mortal com o imortal; do temporário com o eterno; do finito com o infinito, ideias mais amplas, maiores,

mais abrangentes, que reconhecem o predomínio universal da Lei Imutável, que não muda e não pode ser mudada, em relação à qual há apenas um ETERNO AGORA, enquanto que para os mortais não-iniciados o tempo é passado ou futuro conforme se relaciona à sua existência finita nesse pequeno grão de pó material. Isto é o que estudamos e o que muitos compreenderam.

E agora cabe apenas a você decidir o que você terá: a mais alta filosofia ou simples demonstrações de poderes ocultos. Naturalmente, esta não será de modo algum a última palavra entre nós, e você terá tempo para pensar bem. Os *Chefes* querem o começo de uma “Fraternidade da Humanidade”, de uma real Fraternidade Universal; uma instituição que seja conhecida em todo o mundo e chame a atenção das mentes mais elevadas.

ML 8 – CARTA 15 – Vol. I

**Mahatma K.H. sobre a responsabilidade do homem hoje
Para Sinnett. Recebida em 20 de fevereiro de 1881.**

Até que a libertação final o reabsorva, o *Ego tem* que ser consciente das simpatias mais puras despertadas pelos efeitos estéticos da arte elevada, e sua sensibilidade deve responder ao chamado dos vínculos *humanos* mais nobres e santos. Naturalmente, à medida que ocorrer o progresso em direção à libertação, isto será mais difícil, até que, para coroar tudo, o conjunto dos sentimentos humanos e puramente individuais – laços de sangue e amizade, patriotismo e predileção racial – cederá seu lugar para um sentimento universal, o único que é verdadeiro e santo, o único altruísta e Eterno; amor, um amor imenso pela humanidade como um *Todo!*

Pois é a “Humanidade” que é a grande Órfã, a única deserdada desta Terra, meu amigo. E cada homem capaz de um impulso altruísta tem o dever de fazer alguma coisa, mesmo um pouco, pelo bem-estar dela. Pobre Humanidade! Ela me recorda a velha fábula da guerra entre o corpo e seus membros; aqui também, cada membro desta enorme “órfã” – sem pai nem mãe – só se preocupa egoisticamente consigo mesmo. O corpo abandonado sofre eternamente, quer os seus membros estejam em paz ou em guerra. Seu sofrimento e agonia nunca cessam... E quem pode censurá-la – como fazem os seus filósofos materialistas – se nesse isolamento e nesse abandono ela criou deuses aos quais ela “sempre brada por ajuda, mas não é escutada?”